

# *O Vale das Canções Perdidas*

*Lya Quadros*

## LIAM

Ela está cantando uma das nossas canções mais queridas, e, como sempre, eu estou perdido nela, em cada movimento dela, na maneira como a luz reflete sobre os cabelos dela, nos olhos que parecem cantar no mesmo tom macio e caloroso que a voz dela imprime em cada verso. Olho pra ela, ela que é tudo, que é o meu mundo inteiro.

Ela e o sorriso, seus vários sorrisos.

Beleza e paz.

Barulho. Ruído. Interferência. A imagem se quebra, estou perdendo, não a vejo mais, está tudo escuro. Só há barulho. Ruído. Campainha.

Desperto no sofá, como em tantos outros dias. A campainha não para. Cada milímetro da minha cabeça dói. Só uma pessoa teria a coragem de segurar o dedo na campainha do meu apartamento desse jeito. Levanto, destranco a porta e dou meia volta em direção ao sofá sem sequer olhar pra trás, porque sei quem está ali.

- Você realmente sabe como fazer as pessoas gostarem de você, não é mesmo, Marvin?

- Nem começa, Liam. Você sabe que é assim. Se você não me atende, eu venho.

Olho o celular repousado sobre a mesinha ao lado do sofá.

- Descarregou. – Digo, mostrando o celular apagado.

- Você tava dormindo? Sério? Você faz ideia de que horas são?

Não respondo a pergunta e Marvin sabe que não adianta seguir por esse caminho.

- Eu não vou desistir de você, cara. Não vai acontecer. Amanhã você vai jantar lá em casa. Esteja lá às oito.

- Marvin...

- Marvin nada. Isso não é um convite. Você não tem outra coisa a me dizer além de “Te vejo lá.” Discutir com ele é perda de tempo.

- Ok. Te vejo lá.

- Acho bom. Até amanhã.

- Até.

Marvin parte e estou de novo sozinho, mas ainda que eu feche os olhos e peça em silêncio repetidas vezes pra ela voltar, nada acontece, tudo continua escuro, tudo continua vazio; ela se foi, ela se foi e eu ainda estou aqui.

## EMILY

Meus batimentos estão acelerados. Preciso de alguma coisa. Quando terminar aqui dou um jeito nisso. Só tenho que me controlar mais um pouco. Retiro o palito da boca do pequeno Thommy.

- Sim, ele está com uma inflamação de garganta. Mas logo vai ficar ótimo, porque eu tenho um remedinho mágico pra ele, certo, camaradinha?

Thommy está um pouco abatido por causa da dor de garganta, mas é o tipo de menino que nunca fica cem por cento triste, daqueles que não precisam de muito esforço pra entrar numa brincadeira. Um tipo de menino que eu conheço bem.

Prescrevo a medicação e entrego para a mãe dele, Michelle.

- Daqui a dois dias ele vai estar novinho em folha.

Os acompanho até a saída do consultório e me despeço. Fecho a porta. Acho que consegui disfarçar bem.

Agora eu posso resolver isso. Pego a chave e destranco as gavetas da minha mesa. Abro a última delas. Ali está o que me mantém de pé a cada dia. Pego dois comprimidos e tomo de uma só vez.

## LIAM

*Quando fala o coração* está passando outra vez no canal de clássicos. Não é nem o melhor, nem o mais conhecido filme de Hitchcock, mas é um dos que mais gosto. A história de um homem que não sabe quem é me captura. A campainha agride meus ouvidos e me dou conta – *Druga!* O jantar.

Olho o relógio – 20:45.

Marvin está com aquela cara que ele faz quando quer deixar as pessoas culpadas e intimidadas ao mesmo tempo.

- Sinto muito? – Digo num tom não muito convincente.

Marvin entra e continua com aquela cara.

- Olha, Marvin, eu esqueci, ok? Eu disse que ia, mas esqueci.

- Esqueceu *de novo*, certo? Você disse a mesma coisa das últimas três vezes que deu o cano. Mas você deve ter esquecido isso também, o que não é exatamente uma coisa difícil com tanta ajuda. – Ele faz um gesto panorâmico para as garrafas largadas ao redor.

- Você veio até aqui pra me dar um sermão, M.?

- Eu? Não. De jeito algum. Eu vim até aqui pra te levar pra jantar. Eu disse que não era um convite, e eu falei sério. Minha mulher não vai ter trabalho à toa de novo. Você tem vinte minutos pra ficar limpo e com cara de gente!

x – x – x

Estou à mesa com Marvin, sua incrível esposa e minha amiga de longa data Helena, e seus filhos Bruce, que deve estar com uns nove anos, e Ella, com cerca de cinco. Uma família linda. Uma família que eu vi surgir e que eu amo com tudo que resta de mim.

- Estava delicioso, Helena.

- Obrigada. É bom saber que você ainda gosta da minha comida.

- Sempre.

- Tio Liam, você gosta de torta de chocolate? Minha mãe fez torta de chocolate. – Ella me conta sobre a sobremesa secreta.

- Você fez torta de chocolate? *Aquela torta?* – Pergunto acusadoramente para Helena.

- Sua favorita. – Ela diz piscando o olho como uma garota travessa.

- Isso é golpe baixo.

Todos riem e, por um instante fugaz, tudo parece estar no lugar.

x – x – x

Depois da sobremesa, Marvin me chama para o escritório a pretexto de me mostrar alguns trabalhos novos. Mas é claro que não foi realmente pra isso.

- Não foi tão ruim, foi?

E lá vamos nós.

- Não. Eu amo vocês todos, você sabe disso.

- Então por que você se afasta da gente? Nós respeitamos a sua dor, nós temos respeitado o seu tempo, mas, quanto mais os dias passam, mais distante você fica.

Através da porta entreaberta, vejo Ella brincando com Bruce na sala. Cheios de energia, sorridentes, despreocupados, leves.

- Se a nossa filha tivesse nascido, ela estaria hoje quase com a mesma idade da Ella. Provavelmente elas seriam amigas.

Marvin me dá alguns segundos.

- Liam, eu não posso imaginar o quanto dói. Mas você precisa ir em frente. Você não pode continuar trancado em casa, vendo filmes antigos, bebendo e se afundando em autopiedade.

- Cara, você conhece mesmo os meus hábitos...

- Me economiza dessa merda, ok? Você não vai me fazer sentir como um idiota por querer te ajudar. Nem tenta fazer isso comigo! Eu sou o seu melhor amigo! Eu era o melhor amigo dela também! Então não fala comigo como se eu fosse a porra de um idiota!

Não sei o que dizer. É raro ver o Marvin explodir assim. E se tem alguém que pode me dizer o que quiser, é ele.

- Desculpa. – Respiro e digo a única coisa que eu sei – É só que... você não pode entender.

- Você tem razão. Eu não tenho como entender. Eu não posso saber o que você sente. Mas eu sei que você precisa buscar ajuda, se não comigo, com qualquer pessoa que possa te ajudar, porque eu tenho certeza absoluta de que a Jess não ia querer que você partisse tão cedo quanto ela partiu!

E com essas palavras ele toca exatamente onde dói.

## EMILY

Eu chego ao apartamento e está tudo na mais perfeita ordem, como eu deixei. Como são as casas de pessoas adultas e sérias e sem filhos e sem alma que trabalham fora o dia inteiro. Tão limpo como se ninguém vivesse aqui. Apenas silêncio por toda a parte.

Vou para o quarto, largo a bolsa na poltrona. Entro no banheiro e tiro as minhas roupas. Meu ritual de todos os dias.

Paro um segundo quando meu olhar cai sobre a aliança na minha mão esquerda. Toco nela, sinto o metal frio girar no meu dedo, mas não tenho forças pra tirá-la. Não consigo.

Entro embaixo do chuveiro e deixo a água me atingir, me cobrir, carregar a sujeira da minha superfície e, quem sabe, carregar um pouco dessa dor que parece me rasgar de dentro pra fora, numa agonia sem fim.

## LIAM

Marvin não aceita a forma com que eu venho levando a minha vida desde que Jess partiu. Ele não aceita a minha distância. E eu sei que ele não tem mesmo como entender. Ele não tem como entender como cada objeto, como cada pessoa que era próxima dela, como cada elemento que fazia parte de quem ela era e que permanece nessa existência sem ela, como cada contato com eles me afeta, como quase me asfixia.

Eu não consigo aceitar um mundo sem ela. Como é possível viver num mundo sem ela depois de ter vivido num mundo em que ela existia?

Pego o laptop e abro a pasta com o nome dela. Centenas de arquivos de música, canções que nós criamos juntos, produzimos juntos, canções dos nossos álbuns, as nossas canções. As canções dela. As canções que sempre foram dela, porque eram para ela, eram sobre ela, mesmo as que eu compus muito antes de conhecê-la, porque ela estava comigo muito antes de estar. As ideias que só viraram música de verdade quando encontraram a voz dela. A voz da mulher que também me tornou um homem de verdade.

Clico em um dos arquivos e sua voz preenche tudo. Fecho os olhos e deixo a voz dela me abraçar.

## EMILY

Estou caminhando pelo corredor do hospital rumo ao meu consultório quando ouço o chamado.

- Max! Max! Vem aqui!

É muito rápido, meu corpo reage instintivamente. Meu coração acelera e, de repente, estou em outro lugar.

Ele está sorrindo, o sorriso meio desconfiado de um garoto de três anos que acaba de descobrir uma brincadeira nova.

- Max, olha pra cá e manda um beijo pra sua avó! – Digo, e ele faz o gesto de mandar o beijo.

- Max! – Outra voz me traz de volta ao corredor do hospital, um garotinho está parado pouco à frente de mim, me encarando, em um segundo ele se vira e corre para a mulher chamando por ele, provavelmente sua mãe.

Dou meia volta e vou em direção ao banheiro, depressa o bastante para entrar numa cabine e somente então desabar em lágrimas, a tempestade que às vezes não consigo conter, a saudade, a tristeza, a raiva.

## LIAM

*Crepúsculo dos deuses* está passando no canal de clássicos. Mas hoje nem um grande filme antigo está conseguindo me anestésiar. Tentei durante a última meia hora me transportar para aquela realidade, sem sucesso. Lembro do que Marvin me disse poucos dias atrás. Suas palavras insistem em se impor na minha memória. Então, num impulso, eu faço uma coisa que eu nem sei dizer desde quando não faço: caminho até o lado da sala de estar onde estão todos os instrumentos que eu costumava tocar, e pego meu violão. Eu o tiro do case, sento no banco e minhas mãos percorrem as suas curvas, meu companheiro de tantos anos, de tantas estradas.

O primeiro violão profissional que eu comprei, o primeiro violão profissional do garoto irlandês que veio para a América sonhando em ganhar a vida com a sua música. Parece que foi ontem, parece que foi há um milhão de anos. Tento tirar algumas notas, mas, como era de se esperar, está completamente desafinado pela falta de uso. Tento afinar as cordas, mas não consigo, não soa bem. Tento mais uma vez, e mais uma vez eu falho. Será que eu não sou mais capaz sequer de afinar um violão? Tento de novo, e, quando dou por mim, estou arrancando as suas cordas com violência, como um animal cego de fúria, e por um triz não o arrebento contra a parede. Vou ao chão com ele sobre mim, vítima inocente da minha raiva e da minha dor.

#### EMILY

Abro o refrigerador e pego uma das caixas de comida congelada empilhadas dentro dele. Coloco a lasanha no micro-ondas no mesmo momento em que o telefone toca. Não sinto vontade alguma de atender, mas atendo, como faço tudo mais na minha vida.

- Emily? Oi, querida, como você está? – Minha mãe diz, naquele tom comum às mães preocupadas de pessoas problemáticas – no caso, eu.

- Oi, mãe. Eu estou bem. E você?

- Ah, você sabe, uma ou outra coisinha de gente velha, mas tudo bem. Quando você vem passar uns dias com a gente? – A pergunta padrão.

- Eu não sei, mãe. Eu não sei quando vou ter uns dias de folga pra dar um pulo aí. Mas eu vou tentar ir num feriado.

Enquanto minto de forma deliberada, o micro-ondas apita e eu o desligo.

- E a terapia, querida? Você continua fazendo? Você sente que está te ajudando? – Ótimo. Ela tinha que perguntar.

- Sim, mãe, eu continuo indo à terapia. Está tudo bem, mãe, não se preocupe. Sim, eu me sinto melhor.

- Você sabe que pode contar comigo, não é? Ligar a qualquer hora, vir a qualquer hora.

- Eu sei, mãe. Olha, eu vou jantar agora. Eu te ligo depois, ok?

- Ok. Eu te amo, querida.

- Também te amo, mãe. Tchau.

Desligo o telefone e retiro a lasanha do micro-ondas. Dou duas garfadas, mas não consigo continuar. Simplesmente não desce. Jogo a lasanha no lixo, nem a culpa pelo desperdício me atinge mais; vou até o banheiro e tomo dois comprimidos.

x – x – x

Pego um álbum de fotografias na estante da sala. Ele é a segunda coisa a que mais recorro além das minhas pílulas, e tem efeitos igualmente ambíguos. Ao mesmo tempo em que alivia a minha saudade, me dando a certeza de que a vida feliz que eu me lembro de fato existiu e não é apenas uma alucinação perversa; ele também reforça as ausências, o espaço sobrando nesta casa e em mim, esses cantos mortos ocupados apenas pela solidão.

Me detenho em uma fotografia, em que estamos os três – eu, George e Max, nosso garotinho – nas últimas férias que passamos juntos. Eu me lembro do quanto nos divertimos, de como ser feliz era fácil, de como encontrávamos alegria nas circunstâncias mais simples.

A lembrança me faz fechar o álbum com raiva e o pensamento recorrente arromba a minha boca:

- *Por quê?*

## UM E O OUTRO

Estou assistindo a um vídeo. Não é mais um filme antigo, mas é outra das minhas maneiras de preencher as horas e não pensar. Estou vendo o making-of de um dos shows de Jess, uma jam session que fizemos com alguns de nossos melhores amigos, sete ou oito anos atrás. Nesta parte do vídeo, estávamos ensaiando só nós dois, na véspera do show, eu tocando violão e ela cantando a balada em que estávamos trabalhando na época, *Because I know you'll come*. A música estourou depois desse show, e foi um dos maiores sucessos da Jess, ficando no top ten por semanas. Também foi um dos meus maiores sucessos como compositor. E está ali, na tela da TV. Estamos ali. Apaixonados. Vivos. Quando a canção termina, Jess fala para a câmera:

- *Vocês gostaram? Eu espero que sim. Eu estou muito feliz esses dias. E eu vou contar um segredo: existe esse cara e, vocês sabem, eu estou irremediavelmente apaixonada por ele.*

A câmera foca em mim, que desvio os olhos meio encabulado. Ela continua:

- *Ele me faz tão feliz. Ele me faz sentir abençoada. Eu espero que ele possa ser sempre tão irremediavelmente feliz quanto eu sou com ele.*

E ela olha pra mim com todo aquele amor que eu sempre pude ver nos olhos dela.

Desligo a TV. Eu não me lembrava dessa parte.

Bebo um pouco. Bebo muito. Mas sou muito resistente ao álcool. Sangue irlandês.

Encho o copo e abro o laptop. *Eu espero que ele possa ser sempre tão irremediavelmente feliz... Como Jess? Como??*

Abro o navegador e digito **grupos online para pessoas que perderam entes queridos**. Entre as páginas listadas, uma chama a minha atenção: **Nós sentiremos a falta de vocês para sempre**. Clico nela. É um site com um fórum online, as pessoas podem participar de algum tópico existente ou abrir um novo tópico, só precisam fazer um cadastro básico. Também é possível conversar em particular com algum outro usuário. Um tópico recém-aberto me toca diretamente. A frase de abertura é *“As pessoas dizem que eu tenho que seguir em frente. Elas não fazem ideia.”*

Faço o cadastro e coloco o único nome que me vem à cabeça: `O_homem_sem_som`. Clico no tópico e respondo:

`O_homem_sem_som`: Eu sei. Elas me dizem o mesmo.

`Casca_vazia`: Há quanto tempo?

`O_homem_sem_som`: Três anos.

`Casca_vazia`: Quatro anos.

`O_homem_sem_som`: Quem?

`Casca_vazia`: Marido e filho.

`O_homem_sem_som`: Esposa.

`Casca_vazia`: Acidente de carro.

`O_homem_sem_som`: Leucemia.

`Casca_vazia`: Como você vai indo?

`O_homem_sem_som`: Ainda acordo todos os dias. Quando durmo. Você?

`Casca_vazia`: Algo assim.

O\_homem\_sem\_som: É como se eu já estivesse morto.

Casca\_vazia: Eu sei.

O\_homem\_sem\_som: Eu queria estar.

Casca\_vazia: Eu sei.

Vejo a resposta dela e sou incapaz de recordar quando fui tão sincero sobre isso com alguém.

x – x – x

Pessoas que não perderam quem mais amam na vida não entendem. Não têm como entender. Por isso é tão difícil estabelecer uma comunicação. É como tentar compreender um idioma que não é o seu, sem ter estudado nada. Em princípio elas são tolerantes com o seu luto e os seus lamentos, mas, depois de um tempo, você percebe que o seu peso se tornou inconveniente, daí você vai deixando de falar pra não incomodá-las. É aí que você realmente vê o tamanho da solidão. Não há com quem falar. Não há com quem ter uma conversa franca, sem que queiram te consertar.

Depois de rever as nossas fotos, lembrar outra vez as últimas férias com George e Max, não sei bem como vim parar neste site, nem por que abri esse tópico. Pra desabafar, provavelmente. Mas parece que pelo menos uma outra pessoa neste mundo sabe o que eu sei: não há conserto.